

THE TEMPEST

Um experimento, criado por um grupo de pesquisadores e profissionais de artes cênicas, que explora novas formas de expressão combinando teatro e cinema com tecnologias de jogos e de realidade virtual.

VISITE O SITE E COMENTE NO NOSSO BLOG:

www.visgrafimpa.br/tempest

Elenco

Prospera – Helena Varvaki

Miranda – Daniela Salles Abreu

Ariel – Rick Yates

Roteiro e Design de produção

Direção – Manoel Prazeres

Cinematografia e iluminação – Affonso Beato (ASC, ABC)

Máscaras e figurino – Eduardo Cronenberg

Pesquisa

Coordenação do projeto – Luiz Velho (Visgraf | IMPA)

Direção técnica – Leo Carvalho (Visgraf | IMPA)

Desenvolvimento de sistemas – Djalma Lucio (Visgraf | IMPA)

Webdesign e design dos créditos – Julia Giannella (Visgraf | IMPA)

Som – Vitor Rolla (Visgraf | IMPA)

A TEMPESTADE

William Shakespeare

(tradução dos trechos utilizados na apresentação do experimento *The Tempest*)

ATO I – CENA II

A ilha. Diante da cela de Próspero. Entram Próspera e Miranda.

MIRANDA — Se com vossa arte, mãe querida, as águas selvagens levantastes, acalmai-as. Derramaria o céu pez escaldante, se até sua face o mar não se elevasse, para apagar o fogo. Como a vista dos que sofriam me era dolorosa! Um navio tão bravo, que, sem dúvida, conduzia pessoas excelentes, reduzido a pedaços! Transpassaram-me o coração seus gritos. Pobres almas! Pereceram. Se eu fosse um deus potente, pela terra absorvido o mar seria, antes de naufragar tão bom navio com sua carga de almas.

PRÓSPERA — Tranquiliza-te. Acalma o susto e conta ao teu piedoso coração que não houve nenhum dano.

MIRANDA — Oh! Que dia!

PRÓSPERA — Nenhum. Tudo o que fiz, foi por ti, simplesmente, minha filha, por tua causa, filha idolatrada, que não sabes quem és, nem tens notícia de onde eu teria vindo, nem que eu possa ser mais que Próspera, talvez, a dona desta gruta e tua mãe não muito grande.

MIRANDA — Desejos nunca tive de obter outras informações.

PRÓSPERA — A mão me empresta e dos ombros me tira o manto mágico. As lágrimas enxuga; fica alegre. O espetáculo terrível do naufrágio que em ti fez despertar a própria força da compaixão, por mim foi de tal modo dirigido, com tanta segurança, que, de toda essa gente, cujos gritos ouviste e que à tua vista naufragou, nenhuma alma, nenhuma, nem um fio de

cabelo sofreu nenhum prejuízo. Senta-te aqui; precisas saber tudo.

MIRANDA — Mais de uma vez quisestes revelar-me quem eu sou; mas paráveis, entregando-me a vãs cogitações, e me dizíeis: “Espera mais; é cedo”.

PRÓSPERA — Chegou a hora. Tens alguma lembrança da época em que nós ainda não vivíamos nesta cela pobre? Não acredito, pois naquele tempo não contavas três anos.

MIRANDA — Oh! Decerto, senhora, posso lembrar-me.

PRÓSPERA — Por que indícios? Outra casa? Pessoas diferentes?

MIRANDA — Não houve uma época, há muito tempo, em que de mim cuidavam quatro ou cinco mulheres?

PRÓSPERA — Sim, Miranda; e mais, até. Porém, como te lembras de semelhante coisa? Se consegues lembrar-te de algo acontecido em época anterior à tua vinda, também podes lembrar-te como para cá vieste.

MIRANDA — Disso, porém, não tenho ideia alguma.

PRÓSPERA — Há doze anos, Miranda, sim, doze anos, era tua mãe uma poderosa princesa, e Duquesa de Milão.

MIRANDA — Então, senhora, não sois minha mãe?

PRÓSPERA — Tua mãe era, pois, Duquesa de Milão. Como herdeira única tinha ela uma princesa, nada menos.

MIRANDA — Oh céus! Por que traição perdemos isso? Ou foi melhor assim?

PRÓSPERA — Ambas as coisas. Sim, por traição, como disseste, viemos parar aqui; mas redundou em nossa felicidade.

MIRANDA — Oh céus! O coração me sangra só de pensar em quanto vos fui causa de sofrimento, do que não me resta nada mais na memória. Prossegui, por obséquio.

PRÓSPERA — Meu mano, e, pois, teu tio, de nome Antônio... Peço-te prestar-me toda atenção. — Concebe-se que possa

ser um irmão tão pérfido a esse ponto? – Depois de ti, era a ele que eu amava mais do que tudo neste mundo, tendo-lhe confiado a direção de meu Estado. Teu falso tio, entretanto... Estás me ouvindo?

MIRANDA — Sou toda ouvidos, minha mãe.

PRÓSPERA — Havendo ficado inteiramente a par de como satisfazer pedidos ou negá-los, a quem favorecer, a quem de todo burlar nas pretensões. Mas não prestas atenção ao que eu digo.

MIRANDA — Presto, sim, minha bondosa mãe.

PRÓSPERA — Não percas nada, peço-te. Como alguém que o pecado da memória cometesse, por dar inteiro crédito às suas próprias mentiras, chegou ele a acreditar que era, de fato, o duque. Tendo sua ambição tomado vulto... Estás me ouvindo?

MIRANDA — Estou, senhora, que a vossa narração curaria os próprios surdos.

PRÓSPERA — Eu, coitada, ducado muito grande já me era a biblioteca. Ele confederou-se com o Rei de Nápoles prometendo pagar-lhe anual tributo e prestar-lhe homenagem, sujeitando sua coroa à dele, e, assim, deixando-a – pobre Milão, que nunca se dobrara! – na mais vil sujeição.

MIRANDA — Oh céus!

PRÓSPERA — Ora me dize se era um irmão esse homem.

MIRANDA — Fora grande pecado ajuizar mal de minha avó. Já se têm visto muito nobres ventres dar à luz ruins filhos.

PRÓSPERA — Mas cheguemos às condições. O Rei de Nápoles compromete-se a me expulsar e aos meus do meu ducado, entregando Milão, a incomparável, com suas honras todas, a meu mano. Assim, em certa noite apropriada ao feito e em plena escuridão os seus asseclas me tiraram dali rapidamente, contigo, pobrezinha, esfeita em lágrimas.

MIRANDA — Oh, que tristeza! Tendo-me esquecido como eu chorava então, desejos sinto de chorar novamente; os olhos força-me esta oportunidade.

PRÓSPERA — Alguns momentos mais de atenção.

MIRANDA — Por que não nos tiraram logo a vida?

PRÓSPERA — Não ousaram, querida, pôr um selo tão rubro nesse assunto. Em suma, à pressa, puseram-nos num barco e a algumas léguas da costa nos levaram, onde tinham prestes uma carcaça apodrecida de navio. Os próprios ratos o haviam, por instinto, abandonado.

MIRANDA — Oh! Quanto incômodo não vos causei!

PRÓSPERA — Um querubim tu foste, que a vida me salvou. Então sorrias, enquanto eu borrifava o mar com lágrimas salgadas.

MIRANDA — E de que modo fomos bater à praia?

PRÓSPERA — A Providência divina nos guiou. Conosco tínhamos alimentos alguns e um pouco de água potável que Gonzalo, da nobreza napolitana, por piedade, tão-só, nos concedera. Assim, por pura gentileza, sabendo quanto apego eu tinha aos livros, trouxe-me de minha biblioteca volumes que eu prezava mais do que meu ducado.

MIRANDA — Oh! Se algum dia pudesse eu ver esse homem!

PRÓSPERA — Ora fico de pé outra vez. Sentada continua, para ouvires o fim de nossos longos dissabores marítimos. Chegamos a esta ilha, e aqui me foi possível, como tua preceptora, fazer que progredisses mais do que outras princesas que dispõem de muitas horas fúteis e não contam com uma mestra tão assídua e dedicada.

MIRANDA — O céu vos recompense. E ora me dizei, por favor, que ainda tenho inquieto o espírito: por que essa tempestade levantastes?

PRÓSPERA — Por acaso muito estranho que trouxe os meus inimigos a esta praia. E agora basta de perguntas. Mostras-te inclinada a dormir, sendo preciso ceder a esse torpor em tudo grato. Não podes escolher, tenho certeza.

Miranda adormece.

ATO I – CENA II (continuação)

PRÓSPERA — Servidor, estou pronta novamente! Vem, meu Ariel! Aqui!

Entra Ariel.

ARIEL — Minha grande mestra, salve! Salve, grave senhora! Vim para em tudo te obedecer, ou seja, para voar, nadar, no fogo mergulhar, ou montar nas nuvens densas. Tua vontade forte é que domina Ariel e seu poder.

PRÓSPERA — Executaste, espírito, direito a tempestade, conforme te ordenei?

ARIEL — Ponto por ponto. Assaltei o real barco; ora na proa, ora nos flancos, na coberta, em todos os camarotes acendi o susto. Dividido, por vezes, inflamava-me em diversos lugares: sobre o mastro, no gurupés, nas vergas, em distintas chamas aparecia, para numa, depois, me concentrar. Não são mais rápidos nem mais ofuscadores os relâmpagos de Jove, precursores das trovoadas assustadoras. Tanto fogo e o embate do sulfúrico estrondo pareciam tomar de assalto o muito poderoso Netuno e amedrontar suas bravas ondas. Sim, até o tridente formidável lhe tremia nas mãos.

PRÓSPERA — Meu bravo espírito! Quem terá sido tão constante e firme que a razão não perdesse em tal revolta?

ARIEL — Não houve alma que a febre da loucura não revelasse e não mostrasse certos sinais de desespero. Com exceção dos marinheiros, todos mergulharam na espumosa voragem, desertando o navio, que em chamas eu deixara. O herdeiro da coroa, Ferdinando, com os cabelos em pé – mais parecia junco do que cabelo – deu o exemplo, e, ao saltar, exclamou: “Ficou vazio todo o inferno; os demônios estão soltos!”

PRÓSPERA — Muito bem, meu espírito! Foi isso perto da praia, não?

ARIEL — Bem perto, mestra.

PRÓSPERA — Mas Ariel, estão salvos mesmo todos?

ARIEL — Não se perdeu um fio de cabelo, nem há nas vestes com que se salvaram uma mancha sequer; mais frescas todas estão do que antes. E, de acordo sempre com o que recomendaste, dispersei-os em bandos por toda a ilha. O herdeiro príncipe, fi-lo chegar a terra por si próprio. Deixei-o a refrescar o ar com suspiros, sentado a um canto estranho da ilha, os braços tristemente cruzados, deste modo.

PRÓSPERA — O real navio, com seus marinheiros, dize onde foi parar, e os mais da frota?

ARIEL — O navio do rei está no porto, no golfo em que uma vez me convocaste para buscar orvalho das Bermudas tempestuosas. Ali se acha escondido. Todos os marinheiros estão dentro da escotilha; com meus encantamentos secundando a fadiga dos trabalhos, deixei-os a dormir. Os outros barcos que eu dispersara estão de novo juntos. Pelo Mediterrâneo agora singram, tristemente rumando para Nápoles, certos de terem visto a capitania, que o rei levava, soçobrar e Sua Grandeza perecer.

PRÓSPERA — Ariel, cumpriste tua missão a ponto; mas ainda terás o que fazer. Que tempo é agora?

ARIEL — Meio-dia passado.

PRÓSPERA — Pelo menos de duas ampulhetas. Preciso que aproveitar saibamos o intervalo de agora até seis horas.

ARIEL — Mais fadigas? Já que novos trabalhos me destinas, permite que te lembre uma promessa que ainda não cumpriste.

PRÓSPERA — Quê! Zangado? Que podes desejar?

ARIEL — A liberdade.

PRÓSPERA — Antes do tempo certo? Nunca!

ARIEL — Lembra-te que te prestei serviços importantes, nunca menti, não descuidei de nada, nem me mostrei queixoso ou rabugento. Prometestes abater-me um ano inteiro.

PRÓSPERA — Pareces esquecido do tormento de que te libertei.

ARIEL — Eu, esquecido?

PRÓSPERA — Sim, esqueceste.

ARIEL — Senhora, não!

PRÓSPERA — Mentas, coisa maligna! Não te lembras da repelente bruxa Siorax, que a idade e a inveja em arco recurvaram?

ARIEL — Não, senhora.

PRÓSPERA — Só parece que sim. Onde ela nasceu? Responde.

ARIEL — Na Argélia, minha senhora.

PRÓSPERA — Ah! Sim? Preciso todos os meses repetir quem foste, coisa de que te esqueces a toda hora. Essa bruxa maldita, Siorax, por crimes horrosos e terríveis feitiçarias que os mortais ouvidos não podem suportar, se viu banida, como sabes, da Argélia. Uma só coisa pôde lhe salvar a vida. Não é verdade tudo?

ARIEL — Sim, senhora.

PRÓSPERA — Por grávida encontrar-se, essa megera de olhos azuis foi para cá trazida e abandonada pelos marinheiros. Tu, meu escravo, como te nomeias, eras, então, seu criado. Mas por seres um espírito muito delicado para suas ordens por demais terrenas e repugnantes, não te submetias a quanto ela ordenava, razão clara de te haver ela fechado numa fenda de pinheiro. Nessa racha de tronco, atormentado, uns doze anos ficaste, no qual tempo veio a morrer a amaldiçoada bruxa, na prisão te deixando.

ARIEL — Sim, senhora.

PRÓSPERA — Ninguém melhor que tu sabe os tormentos em que te achei. Foi por minha arte, quando cá cheguei, que se escancarou o tronco, libertando-te.

ARIEL — Agradeço-te, mestra.

PRÓSPERA — Caso venhas de novo a murmurar, fendo um carvalho e como cunha te comprimo dentro de seu nodoso corpo, até que tenhas ululado durante doze invernos.

ARIEL — Perdão, mestra; mas hei de conformar-me a quanto me ordenares, perfazendo de grado minha obrigação de espírito.

PRÓSPERA — Faze assim, porque dentro de dois dias dar-te-ei a liberdade.

ARIEL — Eis a minha nobre mestra, novamente! Que é preciso fazer? Dize. Que mandas?

PRÓSPERA — A forma adquire logo de uma ninfa, a mim e a ti visível, tão-somente, a ninguém mais. Assume essa postura e volta para cá. Vamos! Depressa!

Sai Ariel.

EPÍLOGO

PRÓSPERA — Meu encanto terminado, reduzi-me ao próprio estado, que é bem precário, em verdade. Agora, vossa vontade aqui poderá me deixar ou a Nápoles enviar-me. Mas é certo que alcancei meu ducado, e já perdoei quem me roubara. Por isso, não queira vosso feitiço que eu nesta ilha permaneça tão estéril e revessa, mas dos encantos malsãos livrai-me com vossas mãos. Vosso hálito deve inflar minhas velas pelo mar; caso contrário, meu plano de agradar será vesano, pois de todo ora careço da arte negra de alto preço, que os espíritos fazia surgir de noite ou de dia. Restou-me o temor escuro; por isso, o auxílio procuro de vossa prece que assalta até mesmo a Graça mais alta, apagando facilmente as faltas de toda gente. Como quereis ser perdoados de todos vossos pecados, permiti que sem violência me solte vossa indulgência.



